

# Para alcançar uma MAIOR E MELHOR UTILIZAÇÃO DOS LIVROS DISPONÍVEIS

Luiz Percival Leme Britto<sup>1</sup>

## Que é *leitura*?

*Leitura*, em seu sentido básico, corresponde à *decifração* e à *intelecção de signos gráficos que representam a linguagem oral*. Estas duas ações básicas de ler – decifrar e entender – estão de tal modo interligadas que uma implica a outra. São, contudo, distintas em seus fundamentos e qualidades: um escâner pode realizar a primeira, mas não faz a segunda; a interpretação ocorre em outras atividades humanas de que não participa a escrita.

Articulando-se metafórica ou metonimicamente a um ou outro dos elementos que compõem a *leitura*, aparecem muitos outros usos para o vocábulo que, não obstante legítimos, devem ser entendidos em sua especificidade e não como simples expansão do conceito. Vejamos os casos mais correntes:

- ✓ *Leitura da luz e leitura ótica*, que correspondem à decodificação de uma informação quantificada em parâmetros mensuráveis, aproximando-se do conceito primeiro pela ideia de decifração;
- ✓ *Leitura labial*, quando se recupera pela observação do movimento bucal o que foi falado pela pessoa e que se associa com *leitura* por ser feita com a vista;
- ✓ *Leitura da mão*, em que se reconhecem e se interpretam signos “impressos” na palma da mão, associando com *leitura* porque haveria aí decifração e porque há um gesto interpretativo;
- ✓ *Leitura do jogo*, que significa a forma como jogadores percebem, no andamento de uma partida, os esquemas táticos e as possibilidades de intervenção exitosa, que guarda com *leitura* a ideia de ação intelectual com base numa dada realidade, ainda que não haja propriamente nem escrita nem texto.
- ✓ *Leitura do mundo*, expressão cunhada por Paulo Freire e que corresponde a um gesto interpretante de fatos do mundo, tendo *leitura* o sentido aproximado de “encontrar significação em algo com base em nossas observações e vivências”.
- ✓ *Leitura do filme*, ação intelectual se faz sobre um objeto cultural definido. *Leitura do filme* se aproxima de *leitura do texto* enquanto derivação de sentido e de projeção de possibilidades; mas corresponde não a intelecção de símbolos, e sim à percepção e análise da situação narrativa que se oferece ao espectador; por isso, se aproxima da ideia de *leitura das entrelinhas*, em que se consideram os sentidos que a experiência com objeto cultural produz para além de sua percepção imediata.
- ✓ *Leitura de imagem*, vinculada ao se tem chamado de texto não-verbal, quando o conceito de *texto* se estende para qualquer objeto semiótico e *leitura* passa a ser a intelecção e a produção de sentidos sobre esse objeto. Contudo, o texto verbal que se produz daí não é a reprodução da imagem (a qual se apresenta como fato material e não como símbolo de outra coisa); ao “ler” a imagem, o observador estabelece correspondências e busca compreender os efeitos anímicos que ela lhe propõe; pode fazer ilações e interpretações com base em suas “leituras de mundo”, mas não pode decodificá-la como faz com o escrito nem vai encontrar aí um discurso verbal que lhe corresponda. As imagens se veem, se analisam e se interpretam. Pensar *leitura de imagem* como *leitura* literal decorre do equívoco de reconhecer imagens estilizadas como texto de propriamente dito.

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal do Oeste do Pará. Membro do Movimento por um Brasil Literário.

O que os exemplos sugerem é que a atividade intelectual e sensitiva supõe diversas dimensões e que há nexos múltiplos entre elas. O teatro, a música, o cinema, a pintura, a escultura, a fotografia, assim como a aula, não são leitura em sentido estrito: supõem processos intelectuais diferentes, tão complexos quanto e com muitas articulações com a leitura do texto. Contudo, reconhecer essa aproximação não obriga a assumir que são de mesma natureza. Se é despropositado afirmar que o uso desta ou daquela acepção de leitura é impróprio, é igualmente impróprio imaginar uma significação única subjacente a todas as acepções ou que o tipo de parentesco que estabelecem seja de mera contiguidade. Importa sublinhar que interpretar não é o mesmo que ler (ainda que faça parte da leitura), assim como leitura é diferente de escuta, mesmo que em ambos os casos haja realização linguística.

### ***Para além da decifração, o mundo da escrita***

Pelo raciocínio que vimos apresentando leitura, em primeira instância, corresponde à decifração, em silêncio ou em voz alta, de signos gráficos que correspondem à linguagem oral, tomando conhecimento do conteúdo de um texto.

No entanto, enquanto prática social, a leitura não se limita à capacidade de decifração, mesmo que se suponha neste gesto o entendimento do que se decifra. A escrita faz parte o mundo ocidental, conformando sua cultura.

Essa presença se realiza em duas dimensões distintas, apenas parcialmente complementares. Há hoje no mundo moderno um uso pragmático da escrita, disseminado por toda a população e necessário à reprodução da vida no espaço cotidiano; esse uso se referencia num “senso comum complexo” que se produz por mediações de meios sofisticados de comunicação e formação (escola, mídia, Estado, igrejas, etc.); a esta dimensão, associam-se textos de interpretação fortemente contextualizada e cujos referenciais são de ordem prática.

Para além do cotidiano imediato, com níveis de complexidade variada, há outra esfera de produção intelectual relacionada com a escrita, relativa à interação com os conhecimentos e valores formais, às ciências, às artes, à formação e ao estudo.<sup>2</sup> A ela, associam-se os textos cujos conteúdos e forma de organização transcendem o imediatismo e o pragmatismo, tendendo a ser autorreferenciados e a exigirem maior nível de metacognição.

Duas derivações importantes para a formação do leitor resultam dessa análise:

- ✓ A vivência com o texto e a cultura permite que, no ato de ler, o leitor faça a sua leitura, não como simples transposição ou ajuste do conteúdo do que lê a seu quadro de referências, mas sim como realização de articulações inusitadas e verossímeis;
- ✓ As dificuldades no trato com textos desta natureza não resultam de uma incapacidade genérica de ler nem do domínio precário de procedimentos de decodificação nem do desinteresse ou da falta de gosto; elas são consequência do modo como as pessoas interagem com os objetos da cultura, em particular com o conhecimento formal.

Assim, quando se afirma que pouco se lê e poucos são os leitores, se está considerando, ainda que imprecisamente, essa segunda dimensão, correspondente à ação intelectual que se realiza pela interação

---

<sup>2</sup> A isso, Osakabe chamou de “mundo da escrita”; a análise que aqui se apresenta inspira-se em seu texto. OSAKABE, Haquira. Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita. In ZILBERMANN, Regina. **A leitura em crise na escola – as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. p. 147-152.

entre um sujeito (ou vários) com objetos culturais complexos inseridos em campos de referência organizados por sistemas distintos daqueles que se adquirem nas práticas cotidianas: a leitura de um livro. Exemplo uma leitura mais intensa de literatura pode demandar uma razoável vivência com a Estética, a História, a Sociologia, a Política, a Filosofia e a Psicologia, etc.; e o mesmo ocorre quando da leitura de um livro de sociologia política, de física moderna, de psicanálise.

### ***Ler é difícil***

Tem se associado nas campanhas de promoção da leitura ler com prazer e satisfação. Com frequência, incute-se nos bordões promocionais a sugestão de que ler é fácil e basta querer e que qualquer um pode ler qualquer coisa e que qualquer leitura é legítima.

Focar nessa forma de leitura fácil, cuja raiz está um entusiasmo ingênuo que, reproduzindo modelos convencionais e rígidos de percepção da vida, da arte e do mundo, não contribui nem para a formação de novos leitores nem para ampliação do direito à literatura.

Tampouco é o caso de insistir na leitura conforme o gosto. Trata-se de mais um equívoco pedagógico: o de sobrevalorizar o gosto pela leitura, principalmente quando o gosto se referencia na cotidianidade. O gosto não é a manifestação de determinações biológicas ou genéticas, nem é fruto de uma aprendizagem autodirigida e imanente; gosto se aprende, se muda, se cria, se ensina. Gosto se aprende, se critica, se renova.

Ler, para além do que já somos, ler como experiência e possibilidade de por ela se modificar, supõe a posse de conhecimentos que muitas vezes não são de domínio imediato; além disso, exige desprendimento, abertura, determinação, disciplina. Sem disposição para ler, a pessoa rapidamente passa a acreditar que tal livro é chato ou que a história não prende a atenção ou que o autor está enrolando...

Se o que se busca é promover a leitura como valor é imperativo encontrar estratégias mais densas de estimular a leitura, reconhecendo que ler é difícil e que a satisfação que aí se pode encontrar é de natureza distinta do que a que oferece o entretenimento cotidiano.

### **De que falamos quando falamos de promoção da leitura?**

A promoção da leitura não se confunde com qualquer ação educativa no âmbito do alfabetismo ou da inserção social, ainda que se articule com elas num movimento de ampliação da participação e de acesso à cultura e ao conhecimento.<sup>3</sup> Sendo uma ação de caráter político-social e pedagógico cultural, ela não pode ser confundida com a propaganda – quando se pretende, por interesse comercial, incutir no outro o desejo a sensação de necessidade de consumir algo – nem com a beneficência ou a solidariedade – quando se busca minimizar sofrimentos e carências nem com o proselitismo religioso ou político, quando se busca a adesão da pessoa a uma crença (e seus hábitos e valores) ou a um partido.

Que entender, então, por promoção da leitura? E valor está aí que justifica o esforço de disseminação de práticas leitoras?

A resposta obriga a reconhecer que a leitura demanda engajamento em práticas de leitura de textos literários e de expressão cultura que instigam a indagação, a criatividade e o protagonismo.

---

<sup>3</sup> COUTINHO, Diana; MENDONÇA, Rosane (direção de edição). **Leitura escrita para todos – reflexões sobre a política de promoção da leitura no Brasil**. Brasília, 2014.

Assumindo que a leitura congrega a possibilidade de uma “experiência”, ela se torna um processo de autoconhecimento e de afirmação subjetiva: é experiência “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece e, ao nos passar, nos forma e nos transforma”.<sup>4</sup>

Como forma de fazer e de ser no mundo, de adensar o sentimento de pertencimento e de indagação da vida, a leitura não pode ser apenas divertida ou instrumental. O que a justifica não é a eficiência ou a produtividade nem a distração e a alegria, mas o reconhecimento de que, quando lemos, nos humanizamos: “o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo”.<sup>5</sup> Se assim é, então, o acesso e a possibilidade de fruição da literatura é um direito humano essencial (um bem “incompressível”<sup>6</sup>). E isso porque

São bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompreensíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça, a resistência à opressão etc.; e também são o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura.<sup>7</sup>

Assim assumida, essa ideia de leitura ganha uma dimensão essencialmente ética, desprovida de qualquer atributo ou valor utilitário. A experiência da leitura, especialmente (mas não só) a que se realiza pelo texto literário, representa a possibilidade “de descoberta e de renovação de nossa experiência intelectual e moral, de adestramento reflexivo, de um exercício de conhecimento do mundo, de nós mesmos e dos outros.”<sup>8</sup>

### Levar a ler

Cabe-nos, agora, buscar respostas para a ação político-pedagógica tanto no âmbito social mais geral como no âmbito específico da educação escolar. Para isso, retomamos as cinco questões que se apresentam no documento *Leitura escrita para todos – reflexões sobre a política de promoção da leitura no Brasil*, exatamente no item relativo a como levar à maior e melhor utilização dos livros disponíveis.

- A. Como promover aumentos na intensidade da leitura?
- B. Como promover melhoria na qualidade da leitura?
- C. Como promover maior interação entre leitores?
- D. Como promover maior compartilhamento dos livros disponíveis?
- E. Como promover maior utilização das bibliotecas?

Cada uma dessas perguntas pode ser tratada isoladamente, pensando-se em ações específicas para alcançar melhores resultados. Mas elas se integram de tal forma que a resposta a uma delas traz

---

<sup>4</sup> LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Jan / Fev / Mar / Abr 2002 Nº 19,, p. 26.

<sup>5</sup> CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 4ª ed. reorganizada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 177.

<sup>6</sup> ‘Incompressível’: que não pode ser reduzido, modificado, reprimido ou impedido por autoridade (política, religiosa etc.) ou por qualquer tipo de força ou constrangimento; incoercível, irrefreável, irreprímível. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss; Editora Positivo, setembro de 2004.

<sup>7</sup> CÂNDIDO, Antônio. Op. cit. p. 174.

<sup>8</sup> NUNES, Benedito. Ética e leitura. **Leitura: Teoria & Prática**, ano 15, n. 27, jun, 1996. p. 3.

implicação para as outras: as pessoas lerem mais e melhor pode ser consequência do maior compartilhamento de livros e da maior utilização de bibliotecas (ou vice-versa); a disponibilidade de mais e melhores livros (o que implica bibliotecas organizadas, dinâmicas e acessíveis) é condição de melhoria na qualidade e na intensidade da leitura.

De todo modo, é possível – e valioso – pensar movimentos mais exatos que, desenhados para ter um efeito específico, promovam resultados concretos.

#### *Como promover aumentos na intensidade da leitura?*

Para que as pessoas leiam mais é preciso que tenham mais tempo, e, quanto a isso, pouco podemos fazer; o que podemos é demonstrar que ler é uma maneira interessante e criativa de usar o tempo livre (de ócio ou de espera); e, também, podemos insistir na ideia de que ler vale a pena e que, quanto mais a pessoa ler, maiores serão as “recompensas”.

Mas se é exatamente isso que se tem feito – e com insistência – nas ações de promoção de leitura?! E, triste constatar, sem muito sucesso! Talvez o problema esteja exatamente em insistir que a leitura é gostosa, divertida e, implicitamente, fácil, quando ler – especialmente na dimensão apontada neste texto é difícil e exigente.

Fala-se em promover o gosto pela leitura como se o problema fosse não gostar de ler, de não ter interesse. Mas, na verdade, o problema, para a maioria da gente, é não *poder* ler – seja porque não dispõe de condições objetivas (tempo, lugar, material apropriado) seja porque não dispõe de condições subjetivas (conhecimento, competência, formação).

As enquetes sobre hábitos de leitura no Brasil têm demonstrado o reconhecimento público de que ler é valioso e que a gente tem interesse em ler; se não faz isso, é porque esse reconhecimento e essa vontade não encontram eco quando se examinam as condições objetivas e subjetivas de leitura. Então, ao invés de seguir dizendo quer ler é divertido ou que ler é uma viagem, tratemos de ampliar as possibilidades de experiências estéticas das pessoas, reconhecendo que isso exige esforço e dedicação.

#### *Como promover melhoria na qualidade da leitura?*

Grande parte da resposta está no que se escreveu acima, mas há algo importante a acrescentar: o papel da educação escolar.

A qualidade da leitura está relacionada com a competência leitora, o que, por sua vez, decorre do nível de alfabetismo e do tipo de atividade intelectual em que as pessoas se engajam. E o desenvolvimento dessa capacidade – como demonstram os estudos sobre letramento – depende muito da escolarização; mais tempo de permanência em escolas em estruturadas é condição necessária para a melhoria da qualidade e da intensidade da leitura.

Ao lado dos bordões fáceis de que a leitura agrada ou salva, costuma estar a afirmação de que ler instrui. Isso não é falso, mas se torna inútil quando não se oferecem condições de leitura. Seria bom se invertêssemos o sinal da equação e, ao invés de dizer que a leitura instrui, disséssemos que a instrução instiga e permite leituras cada vez mais densas (de fato, trata-se de um processo dialético).

É certo que, garantida a possibilidade objetiva de ler, ainda assim a melhoria da qualidade da leitura supõe outras ações, principalmente no que tange à promoção da produção e da fruição cultural. E isso está relacionado com as formas de participação na cultura.

#### *Como promover maior interação entre leitores?*

Quando falamos de *leitor*, temos na cabeça a ideia que não é a de alguém que sabe ler e que, quando precisa, lê para fazer algo em sua vida prática, profissional, cotidiana; o leitor de que falamos é alguém que *deliberadamente* toma um objeto cultural determinado – o texto – e se engaja numa atividade efetiva e consciente de fruí-lo; alguém que, por exemplo, toma um romance, um livro de história, uma biografia e se põe a ler.

Assim entendido, o leitor investe na ação subjetiva de ler em busca de identidade, reconhecimento, conhecimento, indagação, contemplação. Italo Calvino, elucubrando sobre isso de ler literatura e ser no mundo escreve que “a literatura jamais teria existido se uma boa parte dos seres humanos não fosse inclinada a uma forte introversão, a um descontentamento com o mundo tal como ele é, a um esquecer-se das horas e dos dias fixando o olhar sobre a imobilidade das palavras mudas”<sup>9</sup>.

Nesse movimento, o leitor busca outras leituras que – intensa e tensamente – contemplem e complementem a sua, assim como busca o outro que o contempla e o complementa. Os leitores se encontram em suas leituras.

A maior interação entre leitores pode valorizar as leituras, dar-lhes mais e outras dimensões, instigar mais leituras e leitores. Seminários, encontros, palestras, diálogos, grupos (reais ou virtuais; constantes ou efêmeros), concursos, feiras culturais, exposições, festivais... Tudo isso são formas de nos por em movimentos de aproximação e de esgarçamento de nós mesmos.

Isso, em grande parte, tem um fluxo espontâneo, ocorre pela necessidade mesma de expansão de cada um. Mas, sem dúvida, pode ser estimulado, promovido, por ações sistemáticas. Cabe, portanto, ao pensar na promoção da leitura, pensar numa política do encontro, que realizando encontros crie a prática da leitura partilhada. Ademais, esses encontros se organizam como movimentos estruturantes de cultura, de modo que não apenas congregam, mas também ampliam as possibilidades de mais e melhores momentos de leitura (tendo, assim, efeito sobre a intensidade e a qualidade da leitura).

#### *Como promover maior compartilhamento dos livros disponíveis?*

A pergunta ficou, em parte, respondida no item anterior, mas cabe um adendo: o interessante que é estimular a partilha de livros e outros objetos de leitura numa perspectiva que não seja de campanhas de doação de livro, de caráter descartável e sabor de beneficência.

O livro é um bem cuja posse significa pertencimento à cultura (basta pensar nos acervos pessoais de escritores e intelectuais), de modo que não há porque ensinar as pessoas a se desfazerem de seus livros. O que interessa é estimular a ideia de intercâmbio na perspectiva, não do interesse econômico, mas como compartilhamento de vivências, de experiências.

---

<sup>9</sup> CALVINO. Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia da Letras, 1993, p. 65.

Neste sentido, valem muito os balcões de troca ou de empréstimos que se fazem em feiras e encontros de leitura, assim como em clubes de leitores e em salas de aula. As trocas ficam mais interessantes quando o valor envolvido não é preço do livro no mercado, mas a importância da experiência de cada leitor.

### *Como promover maior utilização das bibliotecas?*

As bibliotecas são o lugar do livro e da leitura. Mas são muitas e diferentes em sua forma de ser – estruturação, acervo, dinâmica de funcionamento – conforme o público que assiste e as tarefas que lhe cabem.

A biblioteca nacional tem tarefas completamente distintas de uma biblioteca de bairro, a qual não tem a mesma organização e funcionamento que uma biblioteca escolar, que é distinta de uma universitária, que em nada parece com uma biblioteca corporativa. Só podemos falar em promover a maior utilização das bibliotecas se tivermos clareza de que biblioteca falamos e se as distintas bibliotecas estiverem estruturadas.

Para a discussão do tema em tema, importa considerar especialmente os dois tipos de biblioteca mais diretamente relacionados com a promoção da leitura: as bibliotecas públicas / comunitárias e as bibliotecas escolares.

### Bibliotecas públicas

Podemos identificar quatro funções são próprias da biblioteca pública, as quais se realizam de forma distinta, conforme seu lugar na rede de serviço e seu vínculo local:

- ✓ Acolhimento e guarda organizada da produção cultural e intelectual humana (literatura/arte, história ciência, política, etc.) que se realiza e circula por meio da escrita – é o que entendemos como acervo;
- ✓ Registro documental da produção cultural, política e social da comunidade, da cidade e da nação – o que corresponde ao que chamamos de memória;
- ✓ Disseminação do conhecimento e da arte, principalmente daqueles próprios da cultura escrita;
- ✓ Promoção de práticas culturais e intelectuais relacionadas com o livro e a leitura; a isso tem sido tradicionalmente identificado como promoção da leitura.

Estas funções se inter-relacionam de tal forma que as decisões que concernem às duas primeiras estão imbricadas nas duas últimas; é essa inter-relação que oferece dinamismo e densidade ao acervo e à produção e registro da memória.

A questão que se apresenta, definidos os objetivos é: que ações estratégicas realizar para alcançá-los? Para responder essa questão, temos de reconhecer que a biblioteca pública tendeu historicamente a organizar-se conforme as necessidades e os interesses de uma parte pequena da sociedade – aquela que detém o poder político, econômico e cultural. Ainda que aberta a todos, a biblioteca tomava suas decisões e se organizava de modo que somente as pessoas conformadas pela cultura escrita hegemônica podiam usufruir de seus serviços. A maioria da gente – por falta de instrução, de identidade ou até pela dificuldade objetiva de acesso – não se incluía (e ainda não se inclui) no público usuário.

Mais recentemente, com a expansão e diversificação da cultura massiva e eletrônica, a universalização da educação básica e a ampliação das exigências de formação laboral, a biblioteca passou a ser uma possibilidade de formação popular. Contudo, premida pelo pragmatismo, massifica-se sem

democratizar-se, pouco contribuindo para o acesso ao conhecimento e a uma formação que compreenda e avance além do imediatismo. A necessidade de responder a demandas práticas e a submissão a critérios de avaliação fundamentados no modelo de eficiência e produtividade têm levado as bibliotecas a desenvolver atividades culturais aligeiradas, descuidando do papel de disseminação da cultura, produção e registro de memória e de formação cultural.

A questão aqui está em promover o avanço da democracia ao invés da massificação do atendimento. Há que se assumir que a biblioteca pública tem papel protagonista na disseminação e desenvolvimento do conhecimento e na constituição de uma política cultural democrática. Mais que oferecer entretenimento cultural ou reproduzir práticas massificadas de cultura – não importa o quando isso seja atrativo –, cabe-lhe realizar ações problematizadoras da cultura e da política para além do panorama imediato e das razões comezinhas da vida cotidiana. A leitura ligeira de entretenimento domingueiro, sem as devidas articulações culturais, pode alcançar sucesso de público, mas não contribui para a formação cultural. O desafio, portanto, é ampliar a presença de leitores qualificados nas bibliotecas e não simplesmente usuários que não se transformam com a leitura.

#### Bibliotecas escolares

Os objetivos da educação escolar e as práticas de ensino não podem se limitar à formação pragmática. Considerar as demandas práticas se justifica desde que a finalidade do ensino não seja a de simplesmente satisfazê-las, mas sim de superá-las. Tampouco é o caso de prender-se aos saberes e as experiências que cada um traz em função de suas formas de inserção e de seus vínculos culturais; reconhecendo isso, há que se aguçar a “curiosidade epistemológica” de que fala Paulo Freire<sup>10</sup>, de forma a superar a “curiosidade ingênua”.

A cultura escolar tem um traço fortemente disciplinar e se sustenta em um conjunto de conteúdos fixos, o que tem sido um dos aspectos que mais dificulta o avanço da reflexão pedagógica. Tal modelo cumpre funções definidas e está ideologicamente bem sustentado. Seus conteúdos, apesar de remeterem para campos importantes do conhecimento, tornaram-se definitivos, perdendo a referencialidade e o sentido formativo.

O desafio atual é desmontar essa irracionalidade, com base em uma ação intelectual coerentemente, o que não ocorrerá pela substituição desse modelo por um que se limite às formas de aprendizagem práticas. Tal esforço pressupõe o diálogo tenso e difícil entre o saber sensível-prático (que as pessoas trazem de sua experiência) e o patrimônio filosófico, científico e cultural produzido pela humanidade. A perspectiva formativa deve considerar as individualidades, as singularidades, as necessidades de cada participante, mas reconhecendo também que estudar é uma ação reflexiva pela qual se quer conhecer e explicar fatos do mundo material, da vida humana, das singularidades pessoais e que, neste sentido, é um trabalho intelectual, pressupondo finalidade e compromisso e exigindo condições apropriadas, que incluem ambiente de estudo (espaço, silêncio), disposição de materiais (bibliografia, material de pesquisa e experimentação) e tempo.

A partir dessa concepção, a biblioteca escolar ganha destaque como espaço de formação e de acesso ao conhecimento. Sua razão de ser não é estimular a leitura descomprometida ou de diversão,

---

<sup>10</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

confundindo-se com espaços de entretenimento. O aluno deve ir à biblioteca instruído pelos professores para aprofundar-se nos temas que está conhecendo em sala de aula e descobrir outros assuntos e argumentos em função do estudo.

O acervo da biblioteca escolar, considerando sempre o nível de autonomia e de desenvoltura intelectual dos usuários, precisa incluir obras de ciência, história, geografia, psicologia, literatura, artes e organizar-se de forma a permitir percursos formativos amplos e densos. Sua funcionalidade depende, em grande medida, de como a comunidade da escola abraça um projeto de formação que toma a interdisciplinaridade como eixo e avança para além do espaço-aula.

Não se pensa a biblioteca como lugar vetusto e severo da escola disciplinar nem se desaconselham atividades livres e descontraídas de leitura. O que aqui se sustenta é a importância de percebê-la como lugar de formação; transformá-la em um lugar de lazer, sob a hipótese de que, assim, se formarão mais e mais leitores, não contribuirá para a educação formativa nem modificará o perfil da biblioteca como local sem razão e sem público.

É mister observar que a biblioteca escolar não tem como tarefa corrigir uma educação limitada que se faça na sala de aula ou de ser uma espécie de contraponto, lugar de liberdade e de livre escolha. O leitor se forma na escola, e a biblioteca participa dessa formação, como parte integrante que é da escola. Atividades fundamentais de leitura variadas para a formação do aluno – varais e saraus literários, feira de ciências, sessões de descontração, clubes de leitores etc. – podem e devem ter o concurso da biblioteca (podem até ser capitaneadas por ela), mas não são sua razão de ser nem sua responsabilidade exclusiva; aliás, elas só terão efetividade se estiverem incorporadas ao ethos escolar, ao espírito coletivo.

### **De volta ao princípio**

Para terminar, cabe transcrever a aguda síntese sobre formação do leitor constante do documento *Leitura escrita para todos*<sup>11</sup>:

- ✓ A intensidade da leitura e, em particular, a boa leitura não resultam mecanicamente da disponibilidade de livros e da capacidade e interesse pela leitura. Dependendo dos arranjos e normas sociais e dos incentivos à leitura, a intensidade da leitura pode ser maior ou menor, mesmo entre comunidades com as mesmas oportunidades e interesse pela leitura.
- ✓ Porque consome tempo e esforço, a leitura depende e responde a incentivos e estímulos, sendo influenciada por ações voltadas à sua promoção. Em uma comunidade onde as pessoas são encorajadas a trocar e compartilhar livros e a conversar sobre o que estão lendo ou sobre o que leram, seja por tradição ou como resultado de ações públicas, espera-se intensidade e qualidade de leitura maiores que em comunidades onde ocorre pouca interação entre leitores e há limitado estímulo à leitura.
- ✓ Porque requer tempo, persistência e comprometimento, a leitura é sensível a estímulos e incentivos e, por isso, a interação com outros leitores e promotores de leitura é tão importante.
- ✓ Ações e programas que estimulem a interação entre leitores e o compartilhamento dos livros disponíveis (utilização de agentes de leitura e subsídios à formação e operação de clubes de leitura) devem ser parte integral de qualquer política de promoção da leitura. Programas que incentivem e facilitem a utilização efetiva das bibliotecas disponíveis devem ser parte de uma política de promoção da leitura, em particular as ações ligadas à promoção de atividades de leitura nas bibliotecas e ao incentivo à interação entre leitores (como o expediente de contar com diários do leitor, em que cada leitor possa expressar e compartilhar suas impressões sobre obras que acaba de ler).
- ✓ Uma política abrangente de promoção da leitura não pode se limitar a desenvolver a capacidade e o gosto pela leitura ou ampliar as oportunidades de leitura. Deve estimular e incentivar os leitores a ler

---

<sup>11</sup> COUTINHO, Diana; MENDONÇA, Rosane (direção de edição) **Leitura escrita para todos – reflexões sobre a política de promoção da leitura no Brasil**. Brasília, 2014.

intensamente, com maior frequência e profundidade. Apenas quando alcança essa amplitude é que a política de leitura se torna capaz de promover uma leitura de qualidade.

## **Pauta para a próxima reunião (proposta)**

### **1. A biblioteca e a formação do leitor**

- ✓ Relação entre biblioteca e formação do leitor
- ✓ Políticas para o fortalecimento das bibliotecas
- ✓ Bibliotecas e ação cultural
- ✓ Que mais e mais...

### **2. Biblioteca escolar**

- ✓ Projeto físico
- ✓ Projetos pedagógicos / integração com a escola
- ✓ Profissionais responsáveis – perfil e formação
- ✓ Constituição e utilização de acervo
- ✓ Relação com a comunidade do entorno
- ✓ Que mais e mais...

### **3. Biblioteca pública**

- ✓ Política de funcionamento
- ✓ Abrangência (área / público)
- ✓ Constituição e utilização de acervo
- ✓ Perfil de usuário
- ✓ Políticas formativas e culturais
- ✓ Que mais e mais...

### **4. Ações do movimento no campo da biblioteca**

- ✓ Políticas públicas (PNBE; FNDE; Mais Educação; Ensino Médio Inovador; PNAIC) – acervo e construção
- ✓ Legislação
- ✓ Ações político-culturais
- ✓ Divulgação
- ✓ Que mais e mais...